

OLHAR SOBRE EGRESSOS A PARTIR DAS REDES E DO CAPITAL SOCIAL

Look over graduates starting from the networks and social capital

Edilson Targino Melo Filho

edilsondmelo@gmail.com

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Bibliotecário-Documentalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco.

RESUMO: Apresenta a Análise de Redes Sociais como uma possibilidade de estudos de egressos. Abordando o conceito de redes sociais presente da literatura e apresentando sua inter-relação com os conceitos de campo, valores e capital social e informação, conhecimento e saber. Percebe-se a importância de inserir a análise de redes sociais nos estudos de egressos a fim de compreender as relações que os sujeitos desenvolvem dentro da sua área de atuação, entendendo a formação dos laços fortes e fracos, antes mesmo da inserção do mercado de trabalho, como fundamental para o desenvolvimento do capital social.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de Egressos. Redes Sociais – Egressos. Análise de Redes Sociais. Capital Social – Egressos.

ABSTRACT: This paper presents Social Network Analysis as a possibility for the studies of graduates, by approaching the concept of social networks in current literature and presenting its interrelation with the concepts of field, values, social capital and information, knowledge and wisdom. The importance of inserting social network analysis in the studies of graduates is perceived as a means to comprehend the relations that subjects develop in their acting area, understanding the formation of strong and weak friendship bonds, even before their insertion in the labor market, as fundamental to the development of social capital.

KEYWORDS: Studies of graduates. Social Networks – Graduates. Social Network Analysis. Social Capital – Graduates.

1 Introdução

O cenário atual em que os profissionais estão inseridos se encontra em constante mudança. As formas tradicionais de construção e preservação das memórias e das identidades se tornaram plurais e multifacetadas cujo processo tem acarretado profundas transformações no exercício e na prática de várias profissões. Isto pode ser percebido na análise da atuação dos egressos de instituições de ensino que formam esses profissionais.

As atividades exercidas pelos egressos estão relacionadas ao saber cognitivo dos sujeitos. Tais atividades desempenham um papel ativo no processo de desenvolvimento da sociedade e configuram-se a partir das relações sociais estabelecidas por meio do trabalho. Por conseguinte, torna-se necessário abordar questões que envolva os egressos, tendo em vista a inserção destes profissionais no mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento de suas relações.

As relações sociais reforçam a identidade e o reconhecimento do indivíduo como membro de um determinado grupo. Essas relações garantem um suporte emocional, porque os sujeitos coletivos mobilizam redes sociais de conhecimento a fim de que seu capital cognitivo, produzido nos dispositivos infocomunicacionais¹, seja aproveitado como recurso para o mercado. Assim a comunicação que perpassa esses relacionamentos pode e deve ser entendida como um fato social que coopera para a circulação da informação e produz uma abordagem comunicacional a partir dos dispositivos infocomunicacionais entendidos como dispositivos materiais de comunicação (MARTELETO, 2010).

O trabalho imaterial² exercido pelos profissionais da informação mobiliza intencionalidades redefinindo o valor da informação no campo social. Essa redefinição pressupõe uma transfiguração do ambiente cultural, um relacionamento mais próximo entre mídia e texto percebendo a presença marcante das tecnologias de informação e comunicação na sociedade, uma economia política voltada para a circulação de saberes, além de uma aproximação do trabalho de pesquisa e a inovação tecnoindustrial (JEANNERET, 2012).

¹ Utilizar-se-á o conceito de dispositivo infocomunicacional definido por Jeanneret (2012) como redes sociais, em uma perspectiva extensa e a partir de várias dinâmicas sociais.

² Entende-se por trabalho imaterial como aquele que "produz acima de tudo uma relação social (uma relação e inovação, de produção, de consumo) e somente na presença desta reprodução a sua atividade tem um valor econômico. Estas atividades mostram imediatamente aquilo que a produção material escondia - vale dizer, que o trabalho produz somente as mercadorias, mas acima de tudo a relação de capital" (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p. 46).

É relevante destacar o processo de apropriação de conhecimentos e informações a partir das redes simbólicas de informação que permite trocas comunicacionais e cognitivas entre os sujeitos.

Este ensaio tem como objetivo abordar o conceito de redes sociais presente na literatura apresentando suas principais configurações e trazendo a contribuição de alguns autores que trabalham com a temática. Além disso, traz ainda uma sucinta discussão sobre campo, valores e capital social agregando os conceitos de informação, conhecimento e saber.

Portanto, espera-se que este artigo possa contribuir com as discussões sobre a temática de redes sociais e sinalizar a possibilidade de aplicação da metodologia de análise aos estudos de egressos, tendo em vista a oportunidade de conhecer as interações realizadas por estes sujeitos, mas, principalmente, entender como se dá as relações sociais e as trocas simbólicas presentes nas redes sociais dos egressos.

2 Redes sociais: considerações gerais

O estudo das redes sociais forneceu à sociedade uma compreensão inovadora de si mesma, pois a análise das redes ultrapassa os princípios tradicionais, onde o “elo social é visto como algo que se estabelece em função dos papéis instituídos e das funções que lhe correspondem” (MARTELETO, 2010, p. 28). A sociedade não é uma estrutura de modo unitário, ela é a soma de todas as formas e meios de combinação que aparece entre seus elementos estruturantes.

O conceito de redes sociais nos leva a uma apreensão da sociedade formada a partir de vínculos relacionais entre os sujeitos, esses vínculos reforçam a capacidade de atuação, assim as redes sociais “são sistemas compostos por ‘nós’ e conexões entre eles que, nas ciências sociais, são representados por sujeitos sociais (indivíduos, grupos, organizações etc.) conectados por algum tipo de relação” (MARTELETO; SILVA, 2004, p. 41).

A essência da sociedade consiste na apropriação das relações sociais entre os sujeitos, tais relações pressupõem uma reciprocidade e formam uma unidade transitória ou permanente que emergem da coesão entre os elementos individuais (SIMMEL, 2002), enquanto fenômenos de autopreservação nos membros individuais.

Simmel (2002) apresenta gradualmente alguns aspectos que corroboram com a manutenção dos grupos sociais. Um desses aspectos é a mudança. O autor afirma que é possível manter a individualidade através da mudança. De acordo com ele isso acontece porque “cada associação de seres humanos funciona de maneira muito específica, o que cria uma dependência funcional entre os indivíduos” (MATERLETO, 2000, p. 78).

Para Simmel (2002) o caráter da mudança é o que mantém a individualidade dos grupos sociais, e a partir da percepção de Marteleto (2000) entende-se que essas mudanças se dão tendo em vista a complexidade das sociedades atuais e mais ainda pelas características específicas da cada associação de seres humanos, dos grupos sociais.

Mesmo quando o grupo social passa por mudanças dentro e fora do seu contexto como a inserção de um novo sujeito no grupo, alteração da localidade e o solo em que o grupo vive, é possível que antes de tudo a unidade territorial que constitui o substrato permanente daquele grupo seja mantida.

Ao elencar o conceito de honra como forma de preservar a individualidade do grupo social Simmel (2002) deixa clara a ideia específica que o conceito tem com os grupos de família e outros grupos, pois o indivíduo pertence a vários grupos.

Na preservação da sua própria honra, ele preserva ao mesmo tempo a honra de seu próprio círculo social. Esta é a vantagem que deriva da sociedade de seus membros, e para o bem da sociedade que permite o indivíduo fazer coisas que são de outra maneira, tanto pela ética quanto pela lei, proibido de forma positiva.

Neste sentido, a sociedade assegura aos seus membros o tipo de conduta necessária para sua própria preservação, principalmente nas esferas da conduta e no campo de moral genuinamente pessoal. Isto significa que para Simmel (2002) há uma gama de ações que contribuem para a permanência dos grupos que vem do interior das sociedades, pois são construtos sociais, nascem das interações sociais entre os indivíduos.

A posição da honra se mostra intermediária, enquanto que a lei cívica emprega força física para sua sanção, a moralidade pessoal não tem outro recurso senão a aprovação ou desaprovação da consciência, as leis da honra são guardadas por sanções que não têm nem a pura exterioridade da antiga nem a pura subjetividade.

Os aspectos necessários para manter a individualidade dos grupos são evidentes

e pretendem firmar-se na medida em que abre espaço o sentimento de independência do indivíduo. É o contato com o outro, a interação entre os membros dos grupos, a comunicação universal que permitem consolidação dos grupos (SIMMEL, 2002). É na busca pelas mais diversas posições, pelo lugar de destaque na multidão, pelo reconhecimento social que o indivíduo autopreserva sua personalidade.

É preciso entender a ideia de rede social como uma prática comunicacional, pois em um contexto onde as pequenas formas se recompõem incessantemente a redação dos pequenos gestos mantém o contato (JEANNERET, 2012), ou seja, os formatos sociais das redes fornecem ações cujas práticas estão interligadas à manutenção de uma comunicação relacional.

Para Jeanneret (2012, p. 21) as redes sociais vêm de outro “modelo diferente das indústrias da cultura e da comunicação, completamente indiferente ao conteúdo das mensagens e fundado na capacidade de fazer, de certas mediações, a passagem obrigatória da socialização e da visibilidade”. No entendimento da autora as redes perpassam por estruturas sociais ligadas à cultura, à informação, à comunicação e que, concomitantemente, estão inseridas ao conjunto diverso de relações e funções sociais que os sujeitos desempenham.

Nesse sentido, temos uma imbricação lógica entre informação, conhecimento e saber. Estes elementos estão integrados, ou podem ser operacionalizados dentro das redes e costumam vir acompanhadas de estruturas conceituais que correspondem ao fluxo comunicacional das redes. Assim, Marteleto (2007) descreve como se dá o encadeamento didático destes conceitos primando pela sistematização dos significados, produção de sentidos e a internalização e externalização das práticas e experiências sociais.

Do mesmo modo Portugal (2007, p. 7) afirma que “a análise das redes fornece uma explicação do comportamento social baseada em modelos de interação entre atores sociais em vez de estudos os efeitos independentes de atributos individuais ou relações duais”. Então é necessário ir além da compreensão do encadeamento didático dos conceitos de informação, conhecimento e saber, sendo necessário entender também que a interação entre os atores influenciam os efeitos que advém das relações duais e que estão intrinsecamente interligados com o fluxo comunicacional nas redes. Nesse sentido, de acordo com Marteleto (2007) em um:

encadeamento didático dos conceitos de informação-conhe-

cimento-saber, a informação estaria situada num primeiro grau do processo de apropriação, expressão e sistematização dos significados, enquanto o conhecimento corresponde a um grau mais internalizado desse mesmo processo, o de produção de sentidos sobre as coisas e o mundo. O saber situa-se numa terceira zona que reúne os cabedais sociais, técnicos e cognitivos de instituições, pessoas e grupos, em grau de internalização e externalização que alia os conhecimentos às práticas e às experiências, formando acervos, registros e documentos individuais e coletivos – a sabedoria (MARTELETO, 2007, p. 10).

Segundo Portugal (2007) a análise relacional nas redes permite conhecer o modo como os sujeitos são condicionados pelo tecido social que os envolve, assim como a forma como eles o usam e modificam mediante os seus interesses. As relações sociais estão condicionadas às relações de interesses e as redes sociais que são estruturas sociais de relações diretas entre unidades sociais não estão à margem desses interesses, algumas vezes convergentes, outras divergentes, mas que simbolizam um conjunto de conhecimentos.

Marteleto (2007) destaca a partir da perspectiva de Pierre Bourdieu e Bruno Latour que é preciso estudar esses processos de produção de conhecimentos a partir de uma ótica estrutural, reticular e relacional a fim de “apreender os modos de geração e circulação dos fatos científicos”, além de identificar o “sistema de posição dos atores no campo científico e os capitais materiais e simbólicos investidos para a sua reprodução e/ou alteração” (MARTELETO, 2007, p. 12).

Assim como para Borgatti et al (2009) o foco das redes sociais é a ordem social, as posições que cada autor ocupa na rede é interdependente. Essa interdependência leva a um entendimento do indivíduo e das suas relações, como um conjunto mutante de indivíduos inter-relacionados (MARTELETO, 2000).

Da mesma forma Elias (1994) considera que não há abismo entre indivíduo e sociedade, pois um forma o outro e “ninguém duvida de que os indivíduos formam a sociedade ou de que toda sociedade é uma sociedade de indivíduos” (ELIAS, 1994, p. 16), assim compreender a sociedade a partir de relações sociais de interesse configuram uma necessidade para apreender a visão globalizada redes sociais.

Por conseguinte, Marteleto (2000, p. 79) afirma que “o enfoque reticular das

relações sociais chama a atenção para as interdependências humanas e os fatores que religam os indivíduos em configurações”. Isto porque as redes não podem ser analisadas de uma percepção minimalista, pois os “nós” são partes estruturantes e carregam em si todo um arcabouço literário que está arraigado em diferentes situações e questões sociais.

Pode-se então compreender que “a análise de rede não constitui um fim em si mesma. Ela é o meio para realizar uma análise estrutural cujo objetivo é mostrar em que a forma da rede é explicativa dos fenômenos analisados” (MARTELETO, 2000, p. 81). Desta forma, analisar redes sociais é perceber a linguagem simbólica, os limites culturais e as relações de troca e apropriação de informação inerentes ao processo de socialização dos indivíduos.

Portanto, a análise de redes sociais associada aos estudos de egressos permite entender o processo de socialização destes indivíduos e a aplicação do arcabouço teórico apreendido durante a formação acadêmica. Então, observar-se-á o contexto de inserção dos egressos a partir de três conceitos básicos que serão abordados na próxima sessão e estão presentes nas relações dos indivíduos.

3 Redes: valores, campos e capitais sociais

O conceito de rede está difundido em toda a sociedade. Ele distanciou-se do sentido original para ressignificar em uma dimensão mais abstrata para além de outros domínios das ciências sociais. A análise de redes permitiu à teoria sociológica incorporar em seus domínios novos princípios analíticos, novas linguagens e novos dados. Essa nova configuração consentiu analisar a estrutura social a partir de uma perspectiva relacional, colocando no cerne da discussão o elemento básico da sociologia: a interação social.

Na percepção de Portugal (2007, p. 2) “a análise das redes tem sido sempre um campo, por excelência, de interdisciplinaridade”. Neste sentido, a autora afirma que o sucesso das redes se deve a dois momentos principais: ao desenvolvimento extraordinário das telecomunicações e a valorização das relações entre as pessoas relativamente às relações entre as pessoas e as coisas.

O conceito foi utilizado no sentido metafórico, os autores que dele faziam uso não estabeleciam relações entre as redes e o comportamento dos indivíduos que as

constituem. É importante ressaltar que o conceito de rede deu impulso para várias discussões em torno da existência de um novo paradigma nas ciências sociais.

Essas discussões ocorreram, sobretudo, pela institucionalização das redes sociais. Já que pode se observar a divulgação de vários artigos publicados em revistas das ciências sociais, a organização de eventos científicos, a criação de revistas especializadas, o lançamento de uma coleção especializada, a existência de uma associação internacional, criação de fóruns de discussão, o desenvolvimento de programas de informática que suportavam os modelos teóricos e metodológicos, além de várias obras de divulgação. A partir dessa institucionalização “a análise estrutural das redes passou duma posição minimalista, em que o conceito era apenas uma metáfora para uma posição maximalista” (PORTUGAL, 2007, p. 6), assim o conceito passou a ser observado de maneira mais paradigmática.

Esta perspectiva relacional permitiu estudar o modo como os indivíduos são condicionados pelo tecido social que os envolve, bem como o modo como eles o usam e modificam segundo os seus interesses. Assim têm-se uma rede de ligações como estratégias de investimento social.

A rede de ligações é produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo, isto é, orientadas para a transformação de relações contingentes, como as relações de vizinhança, de trabalho ou mesmo de parentesco, em relações, ao mesmo tempo, necessárias e eletivas, que implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas ou institucionalmente garantidas (BOURDIEU, 2010, p. 2).

Essas ligações são irredutíveis às relações objetivas, da mesma forma que as redes são um conjunto de elos que estão conectados a partir de interesses comuns. Essas conexões abrigam conceitos, modos de agir e pensar, enfim são estruturas sociais marcadas pelo fluxo de comunicação, predominantemente composto por informação, conhecimento e saber.

Mesmo percebendo o processo de institucionalização do conceito de rede para

Portugal (2007) este não pode ser considerado um paradigma nas ciências sociais. A autora afirma que “estamos perante um campo do conhecimento que está longe de ser apenas um método, um conjunto de técnicas sofisticadas para abordar a realidade social” (PORTUGAL, 2007, p. 8-9), neste sentido “falta à *network analysis* a hegemonia que fez o sucesso do funcionalismo”, assim o “próprio campo interno da disciplina está longe de se constituir como teoria ‘unificada’” (PORTUGAL, 2007, p. 9).

Silvia Portugal (2007) elenca dois contributos da análise de redes que são fundamentais para a tradição sociológica: o estatuto das análises micro na construção da macro-sociologia e a relação entre a estrutura social e ação individual. Para a autora a teoria das redes exige que a teoria sociológica macro-estrutural seja construída sobre fundações micro. Assim, a análise das redes permite focalizar no comportamento individual sem perder de vista a interação dos indivíduos nas estruturas sociais.

Neste sentido, a análise de capital social se dá a partir de três dimensões analíticas: os recursos, as estruturas sociais e a ação. É fundamental perceber que “as relações sociais reforçam a identidade e reconhecimento – ser reconhecido como indivíduo e membro de um determinado grupo, além de garantir suporte emocional, possibilita reconhecimento público” (PORTUGAL, 2007, p. 16).

É importante destacar o conceito de capital social de Pierre Bourdieu (2010, p. 2) para quem o capital é “o conjunto de recursos, efectivos ou potenciais, relacionados com a posse de uma rede durável de relações, mais ou menos institucionalizadas, de interconhecimento e de reconhecimento”. Para o autor, o capital social está relacionado a um determinado grupo (rede social). O capital social, para Bourdieu, encontra-se embutido nas relações sociais dos sujeitos.

O capital social é o agregado dos recursos atuais e potenciais os quais estão conectados com a posse de uma rede durável, de relações de conhecimento e reconhecimento mais ou menos institucionalizadas, ou em outras palavras, à associação a um grupo – o qual provê cada um dos membros com o suporte do capital coletivo [...] (BOURDIEU, 1983, p. 248-249).

As definições de capital social permitem afirmar que “a *network analysis* contri-

bui para a clarificação do conceito de capital social e para a sua operacionalização” (PORTUGAL, 2007, p. 20) dentro da teoria sociológica. Mas, é evidente, que se torna necessário entender a concepção de redes sociais como provedoras de recursos, assim poderá perceber a indissociabilidade entre os conceitos de redes sociais e capital social.

Embora “o capital social possa ser compreendido como um conjunto de recursos coletivos é somente através dos sujeitos que ele pode ser acessado e constituído (RECUERO, 2005, p. 7), o capital social existe, portanto, como um conjunto de recursos como o definido por Bourdieu.

Ele apenas pode ser constituído e acessado de modo individual pelos atores, através do conteúdo de suas interações. Encontra-se, assim, embutido nessas mesmas interações, mas não restrito ao seu conteúdo, uma vez que este conteúdo pode variar, mas ainda assim, estar constituindo a mesma forma de capital social. Por conta disto, o capital social pode ainda ser acumulado, através do aprofundamento de um laço social (laços fortes permitem trocas mais amplas e íntimas), aumentando o sentimento de grupo (RECUERO, 2005, p. 7).

Assim, o capital social constitui-se como um conjunto de recursos de um grupo e que é obtido através das relações sociais dos indivíduos, mas que pode ser acessado por todos do grupo.

As redes sociais possuem em sua estrutura relações sociais denominadas de laços e podem apresentadas de forma diferentes: positivos ou negativos (LEMIEUX, 1999), fortes e fracos (GRANOVETTER, 1973, 1982) e passivos ou ativos (MILARDO, 1988). Esses tipos de laços são o cerne das relações nas redes sociais e a partir deles podem ser observadas as propriedades que dão força e sentido a eles, são seis: conteúdo dos fluxos, a variedade de conteúdo, número de contactos e trocas, duração de tempo despendido na interação, a influência e a interferência de um nó sobre o comportamento de outro.

Para Portugal (2007), o grande desafio da operacionalização das redes é responder às questões “quem?” e “o quê?”, essas questões dão conta da forma e do conteúdo das relações existentes nas redes. Assim, como procedimento metodológico para análise a autora apresenta três tipos fundamentais: abordagem estrutural,

baseada em procedimentos sociométricos, abordagem que consiste na seleção de um informador privilegiado e a abordagem egocentrada que reconstitui a rede de relações de um determinado sujeito.

A partir das abordagens metodológicas e das estratégias de medidas adotadas para operacionalizar as redes a autora ainda elenca três tipos de redes existentes na literatura quando se trata de network analysis: as redes de íntimos constituídas pelos sujeitos considerados importantes pelo alvo, composta por laços ativos e passivos; as redes de interação baseadas nos sujeitos com quem os membros da família interagem numa base rotina, este tipo de rede possui a vantagem de distinguir os laços ativos daqueles meramente afetivos; e por fim as redes de troca que consiste em isolar os indivíduos com os quais a probabilidade de recompensa de trocas é elevada.

Para uma reflexão acerca da operacionalização das redes é preciso entender a convergência entre si destes tipos de redes e os critérios de seleção que contribuem para a compreensão do comportamento individual em determinadas áreas.

Desta forma, coloca-se no cerne da discussão a forma como se constitui as relações e como se dá a interação no interior das redes. É necessário, então, perceber que estratégias estão sendo adotadas para operacionalizar as redes, o cuidado na seleção destas estratégias permite identificar o conjunto de situações que tipificam a vida da maioria dos indivíduos dentro das redes que fazem parte.

Os valores, campos e capitais sociais constituem articulações imprescindíveis para compreender as redes sociais, primeiro porque um fenômeno nunca está descrito de maneira isolada, segundo porque eles se completam como matéria-prima significativa e terceiro, porque os valores das relações sociais são compostos por valores precedentes (LOZARES. 2003).

Do mesmo modo, é necessário compreender que “a estrutura é apreendida concretamente como uma rede de relações e de limitações que pesa sobre as escolhas, as orientações, os comportamentos, as opiniões dos indivíduos” (MARTELETO, 2000, p. 80), essas redes relações carregadas de capital social são a base para a compreensão dos elementos constituintes das redes sociais: informação, conhecimento e saber.

Neste sentido a constituição de redes e uso da informação podem constituir objetos de estudos importantes para análise da participação de egressos no desen-

volvimento da sociedade. Isto porque a análise de redes sociais pode ser usada, também, para se compreender a relação existente entre os egressos, entendendo a formação dos laços fortes e fracos nos arranjos locais de produção do conhecimento. A relação entre informação, conhecimento e saber é marcada pela produção de atividades contingenciais que abordam relações sociais e, portanto, estão inseridas dentro de um contexto social onde “o conhecimento prático é produzido pelos diferentes fazeres, trabalhos, atividades dos agentes sociais” (MARTELETO, 2000, p. 90), e pode ser compartilhado a partir dos elos entre os “nós” que fazem parte das redes.

Neste sentido, Lozares (2003) afirma que a natureza dos campos, valores e capitais pertencem a um contexto social, onde há considerações acerca da conjunção, articulação, composição e superposição desses aspectos dentro das redes. As modalidades produtivas e reprodutivas permitem a transição destes conceitos dentro das relações e das redes sociais.

4 Redes sociais e os estudos de egressos

Os estudos de egressos constituem uma importante política educacional que tem como principal objetivo identificar a atuação profissional e aferir a qualidade de ensino das instituições através da formação acadêmica que os profissionais receberam durante a vida acadêmica.

Ao entrar no mercado de trabalho os egressos procuram aplicar os conhecimentos apreendidos nas atividades profissionais que ora vão desenvolver. Estas atividades integradas com os aspectos formativos destes profissionais somam-se às relações sociais estabelecidas no âmbito do trabalho.

Teixeira, Oliveira e Faria (2008) ressaltam que a análise dos egressos deve partir de critérios bem delimitados que permitam obter informações sobre a atuação profissional e, principalmente, sobre a aplicação dos conteúdos recebidos durante a formação.

A capacidade de uma instituição de ensino superior de avaliar os programas oferecidos por ela se restringe a uma análise criteriosa do comportamento e da atuação no mercado do profissional por ela formado, uma vez que faz parte do próprio processo de formação o procedimento de seleção para o curso (TEIXEIRA;

OLIVEIRA; FARIA, 2008, p. 102).

A atuação profissional dos egressos perpassa pelo capital social adquirido ao longo da formação e a aplicação desse capital sugere integralização dos indivíduos que fazem parte das redes. Portanto, é preciso compreender “o tipo de rede que se está observando (diversidade dos participantes, institucionalização de normas de decisão, objetivos gerais ou específicos, tamanho e área geográfica etc.)” (MARTELETO; SILVA, 2004, p. 43). Este capital está relacionado com o acesso à informação e aos meios de comunicação que esse acesso pressupõe.

Em relação ao acompanhamento de egressos, Souza Júnior (2000, p. 14) ressalta que

É uma análise e avaliação de impactos ou de resultados de atividades desenvolvidas. Qualquer que seja seu foco e corte teórico e metodológico, estes são sempre inspirados na crença de que seus resultados, de uma maneira ou de outra, serão úteis na reorientação de políticas e práticas institucionais ou sociais de modo a tornar mais eficiente, mais relevante e mais conseqüente o conjunto dos trabalhos desenvolvidos por uma organização burocrática ou social.

Neste sentido, aplicar a análise de redes sociais nos estudos de egressos pode vir a permitir uma maior visualização das redes que são constituídas por esses profissionais ao longo da sua vida profissional. Evidentemente que esta análise parte do conceito de que ela é um meio para uma análise estrutural aonde os fenômenos analisados são compreendidos, necessariamente, a partir da sua forma, do seu conteúdo e da sua função.

Percebe-se que toda análise que recai sobre os egressos é produto da avaliação institucional, pois são esses os indivíduos que levarão a marca das instituições. Segundo Hoyos (1998) o que credencia uma boa universidade não é parte estrutural (campi, prédios, laboratórios, bibliotecas etc.), nem os recursos humanos (corpo docente, discente e técnico-administrativos), mas o que dela provém, é o resultado da soma de todos esses fatores que faz com que a universidade possa ser bem conceituada. Da mesma forma que Dantas (2004) afirma a importância de acompanhar os egressos, pois o acompanhamento desses indivíduos permite conhecer como

estão sendo praticados os conhecimentos teóricos adquiridos na academia.

Evidenciando esta concepção, verifica-se que apesar da quantidade de estudos que tratam da realidade dos egressos falta uma política institucional que de fato contribua para a avaliação dos programas e das instituições a partir dessa realidade.

É perceptível que as universidades estão preocupadas na formação de seu corpo discente e os órgãos de fomento à pesquisa demonstram um quê de preocupação quanto à avaliação dos programas de pós-graduação, no entanto, a falta de estudos sobre os egressos revela uma política educacional que prioriza a formação e esquece a atuação.

Aplicar a metodologia de análise de redes sociais aos estudos de egressos pressupõe uma operacionalização de alguns conceitos como os destacados anteriormente: campo, valor e capital social. Pensar nestes conceitos de maneira relacional significa tratar a ideia de campo como configurações relacionais e, principalmente, como configurações de identidade que são gerais e dinâmicas (LOZARES, 2003).

Neste sentido, há que se considerar “o capital social definido como as normas, valores, instituições e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais” (MARTELETO; SILVA, 2004, p. 44). Além disso, os fatores culturais, políticos e sociais condicionam a aquisição de capital social, assim como a constituição de redes entre os sujeitos, pois elas se configuram em ambientes cujo fluxo comunicacional está inscrito nas relações sociais.

Segundo Marteleto e Silva (2004, p. 44) o capital social se constitui a partir de normas e redes que comprometem o bem-estar da comunidade:

O capital social possui uma natureza multidimensional. A visão mais estreita o define como um conjunto de normas e redes sociais que afetam o bem-estar da comunidade na qual estão inscritas, facilitando a cooperação entre os seus membros pela diminuição do custo de se obter e processar informação. Nesse caso, as relações de base para a formação das redes seriam entre iguais, isto é, entre indivíduos similares do ponto de vista de suas características demográficas.

Entretanto, os autores destacam que mesmo as redes que são constituídas visando à cooperação entre os seus membros precisam romper as fronteiras para a

construção de metas comuns a fim de gerar a confiança entre os membros do grupo. Embora os egressos partam de um princípio de distanciamento tanto da instituição quanto da sua rede de relacionamento, e isto ocorre porque na maioria dos casos traçam objetivos diferentes, o que há de elo entre eles pode significar uma ampliação do ponto de vista da relação social que eles poderiam vir a desenvolver caso os laços se mantivessem fortes após a entrada no mercado de trabalho.

Portanto, como assevera Marteleto e Silva (2004, p. 46) nos estudos da informação “ressaltam-se as vantagens do emprego da metodologia de análise de redes sociais para investigar as formas de racionalidade presentes em entidades, indivíduos e grupos da sociedade na sua interação com o Estado”, assim a metodologia aplicada aos estudos de egressos permite identificar as interações desses sujeitos com o Estado, entre os seus pares, mas, principalmente permite perceber a contribuição que estão dando para o desenvolvimento da sociedade.

5 Considerações

Os estudos de egressos proporcionam conhecer uma realidade de atuação profissional marcada pela valorização do capital social institucionalizado. Aplicar a metodologia de análise de redes nesses estudos contribui para entender a formação das relações sociais existentes neste grupo. Verifica-se uma necessidade de percepção da realidade dos egressos sob o ponto de vista da tríade informação, conhecimento e saber que configura a estrutura social em que os sujeitos estão inseridos.

A partir da aplicação da metodologia de análise de redes sociais nos estudos sobre egressos considerar-se-á primordial a percepção dos fluxos de informação e as construções sociais simbólicas do grupo (MARTELETO, 2001). Então só entendendo como a dinâmica do conhecimento e da informação interfere nesse processo é que conseguiremos compreender as relações de poder que vêm de uma organização não-hierárquica e espontânea.

As relações existentes entre os egressos os colocam em posição de protagonista na rede. Neste sentido a rede que em algum momento foi estática passa a ser dinâmica, pois o fluxo de informação percorre os seus membros efetivando as construções sociais e simbólicas de cada grupo.

Desta forma, as relações existentes na rede exercem, necessariamente, uma

influência sobre cada relação, é o que podemos considerar como os laços fortes e fracos. As redes sociais são, essencialmente, redes de comunicação. Portanto, perceber o fluxo de informação e comunicação nas redes é importante para entender as relações de influência existentes.

Os estudos das redes sociais se debruçam sobre o que elas têm de mais permanente, o resultado das interações (RECUERO, 2005). Estas são permitidas também pelo conjunto dos valores, campos e capitais sociais inerentes às redes e que agregam à estrutura de uma rede os elementos-chave no desenvolvimento destes estudos.

Assim, esses valores, campos e capitais sociais estão relacionados segundo modelos provenientes dos campos sociais correspondentes (LOZARES, 2003). Da mesma forma para Bourdieu o capital social se encontra nas relações sociais entre os indivíduos, então entender as relações dos egressos com o seu próprio grupo permite conhecê-los em seu contexto, buscando compreender a formatação dos laços e as interações dos “nós”.

Por fim, destaca-se a relação entre o conceito de redes sociais, de campo, valores e capital social com os estudos de egressos. Essa relação se dá na medida em que esses estudos tornam-se necessários para avaliação à formação que as instituições estão desenvolvendo junto ao seu corpo discente. Nota-se então a falta de estudos desse tipo, principalmente com o objetivo de perceber as relações que os sujeitos desempenham dentro da sua área de atuação, entendendo que a integração entre os sujeitos permite o aprofundamento das relações, além de melhorar e fortalecer os laços, necessários à análise.

Referências

- BORGATTI, S. P. et al. Network Analysis in the Social Sciences. **Science**, v. 323, p. 892-895, 2009.
- BOURDIEU, P. Capital Social: notas provisórias. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos da Educação**. Organizado por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 2010. Cap. 3, p. 65-70.
- _____. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, J. (Ed.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood, 1983. p. 248-257. Disponível em <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/resources/03.html>>. Acesso em 15 jul.2015
- DANTAS, F. Responsabilidade social e pós-graduação Brasil: idéias para (avali)ação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 160-172, nov. 2004.

- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, v. 78, p. 1360-1380, 1973.
- _____. The strength of weak ties: a network theory revisited. In: MARS DEN, Peter V.; LIN, Nan (Orgs.). **Social Structure and network analysis**. Beverly Hills: Sage, 1982. p. 105-130.
- HOYOS, P. J. El papel de la Universidad de egreso. **Jornal Institucional Universidad del Valle: Síntesis**, Santiago de Cali, Colômbia, 1998.
- JEANNERET, Y. Analyser les "réseaux sociaux" en tant que dispositifs infoommunicationnels: une problématique. In: JORNADA CIENTÍFICA INTERNACIONAL DA REDE MUSSI, 2., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Rede Mussi, Icict/Fiocruz, Ibict-UFRJ, Unirio, out. 2012.
- LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LEMIEUX, V. **Les réseaux d'acteurs sociaux**. Paris: PUF, 1999.
- LOZARES, C. "Valores, campos y capitales sociales". **REDES - Revista hispana para el análisis de redes sociales**, v. 4, 2003.
- MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, v.30, n.1, p. 71-81, jan. / abr., 2001.
- _____. Informação, rede e redes sociais: fundamentos e transversalidades. **Informação & Informação**, v. 12, n. 1 (esp.), p. 1-17, 2007.
- _____. Redes e configurações de comunicação e informação: construindo um modelo interpretativo de análise para o estudo da questão do conhecimento na sociedade. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, v. 14, n. 29, p. 69-94, jul./dez., 2000.
- _____. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na Ciência da Informação. **Tendências da Pesq. Bras. em C.I.**, v. 3, n.1, 2010.
- MARTELETO, R.; SILVA, A. B. O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da Informação**, v. 3, n. 33, p. 41-49, set./dez. 2004.
- MILARDO, R. Families and social networks: an overview of theory and methodology. In: _____ (Org.). **Families and social networks**. Newbury Park: Sage, 1988. p. 13-47.
- PORTUGAL, S. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. *Oficina do CES*, n. 271, 2007
- RECUERO, R. Comunidades virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo. **E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 4, dez. p. 1-27, 2005.
- SIMMEL, G. The persistence of social groups. **American Journal of Sociology**, v. 3, n. 5 [mar. 1898], p. 662-698, 2002.

SOUZA JUNIOR, H. P. Acompanhamento de egressos. In: MACHADO, L. R. S.; FIDALGO, F. S. (Org.). **Dicionário de educação profissional**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 13-14.

TEIXEIRA, D. J.; OLIVEIRA, C. C. G.; FARIA, M. A. Perfil dos egressos do Programa de Mestrado Profissional em Administração da PUC Minas/FDC no período de 2000 a 2005. **Revista Economia e Gestão, Belo Horizonte**, v. 8, n. 16, 2008.